

3 Teorias de Imagem e Texto

“Uma imagem vale mais que mil palavras.”

“Para bom entendedor, meia palavra basta”

O dito popular “Uma imagem vale mais que mil palavras” é bem conhecido e propaga a idéia de que a imagem é fácil de se entender e parece defender que ela apresenta um só significado. Por outro lado, o dito popular “Para bom entendedor, meia palavra basta”, eleva o texto escrito, o que é linguístico à categoria de difícil, uma vez que para entender palavra, ou até meia palavra, é preciso ser bom entendedor. Assim, imersos nesse senso comum, o trabalho com textos multimodais e particularmente com imagens está longe de ser simples. Muitos são os caminhos a serem tomados. As abordagens são variadas e por demais complexas. No intuito de se afastar das pré-concepções sobre texto e imagem, e para simplificar e divulgar o trabalho com textos multimodais, o presente trabalho pretende se basear na:

- o A semelhança entre palavra e imagem, segundo Santaella e Nöth (2001)
- o A relação texto-imagem, segundo Barthes, Bardin e Kalverkämper³⁰ (em Santaella & Nöth, 2001)
- o A construção do significado na teoria da comunicação multimodal, segundo Kress e Van Leeuwen (2001)

Começamos a partir dos ditos populares citados acima a entender e desmistificar palavra e imagem observando o que eles tem em comum.

3.1. Palavra – imagem: o que eles tem em comum? (Santaella & Nöth)

As citações mencionadas no início desse capítulo, tão conhecidas na nossa cultura, podem refletir as seguintes crenças:

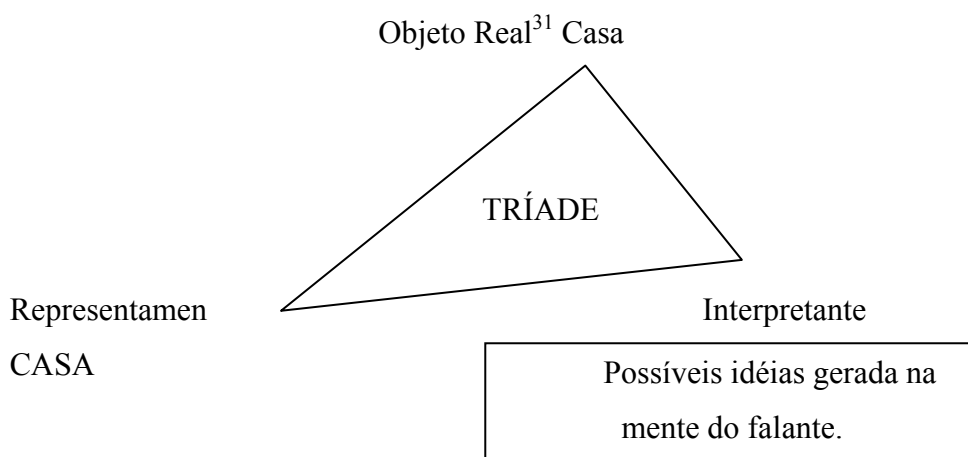
³⁰ Não há referência bibliográfica referente a esses três estudiosos, pois eles são citados por Santaella & Nöth, 2001.

- o A imagem é tão significativa que vale por muitas palavras;
- o A palavra precisa ser entendida, se o entendedor for bom, meia palavra basta.

O simplismo da primeira afirmação tem afastado a seriedade da abordagem as imagens, pois faz a imagem parecer ser tão clara e tão fácil de se entender que dispensa estudos e análises, já o cientificismo que ajudou a Linguística a ser elevada ao posto de Ciência, já mencionado em capítulo anterior, promoveu a complexidade e a importância da palavra e sua polissemia. Se elas são vistas de maneiras tão diferentes, o que palavras e imagens tem em comum? Palavras e imagens são signos. Palavras e imagens são igualmente signos.

Charles Pierce, o semiólogo citado no capítulo 2, que dedicou trinta anos de sua vida ao estudo da semiótica, que criou o que consideram a Filosofia Científica da Linguagem, escreveu a Teoria Geral dos Signos, ou Semiótica. Na semiótica de Charles Peirce, um signo é uma tríade entre três elementos signo (representamen: representa a matéria, é o suporte material do signo), objeto (matéria a ser representada) e interpretante (a idéia do signo na mente). Nessa tríade, os três elementos dependem uns dos outros. Sem objeto a representamen não tem o que representar. Todo representamen gera um interpretante, uma idéia na mente, e sem representamen não há como representar o objeto, assim sem representamen não há como representar o objeto em si, nem como gerar um interpretante.

Tomemos como exemplo a palavra casa, ela representa a casa objeto real e tem como interpretante a idéia gerada na mente do falante, e/ou ouvinte ao falar ou ouvir a palavra casa.



³¹ O objeto real casa não pode ser colocado aqui, uma vez que se colocada uma foto, deixa de ser o objeto real e passa a ser um representamen do signo casa.

HOUSE



Figura 5 – figura baseada na tríade de signo de Charles Peirce

Uma mesma representação pode gerar interpretantes diferentes em um mesmo falante ou em falantes diferentes.

Tomemos, como exemplo, a imagem casa (desenho ou foto), da mesma forma ela representa a casa objeto real e tem como interpretante a idéia gerada na mente do falante, e/ou ouvinte ao falar ou ouvir a palavra casa.

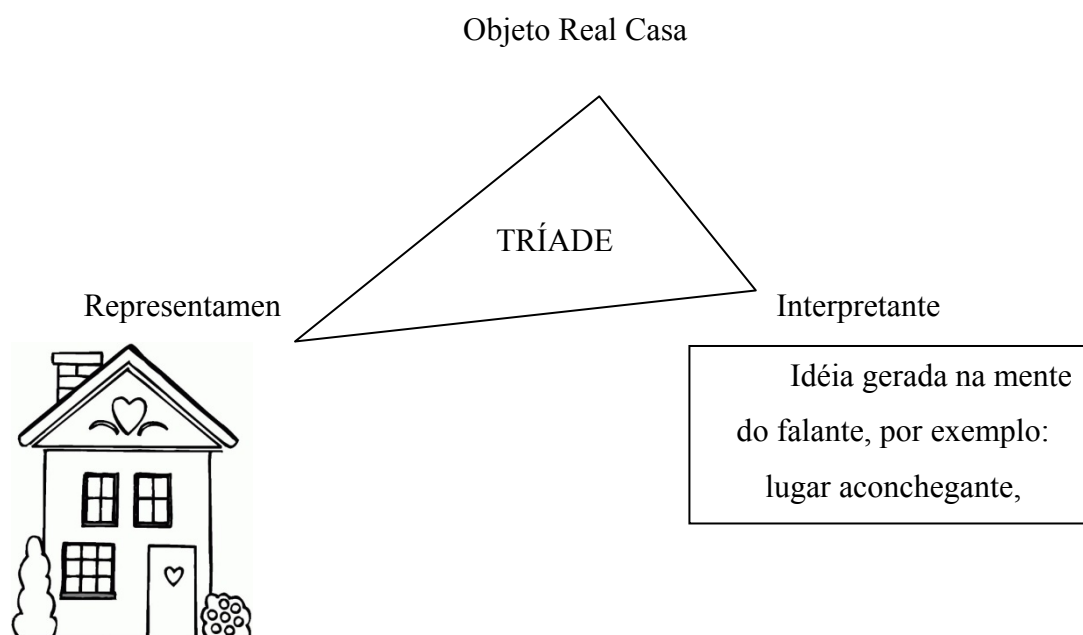


Figura 6 - figura baseada na tríade de signo de Charles Peirce

No entanto, um outro representamen do objeto real casa, pode gerar outro interpretante. Vejamos o exemplo a seguir:

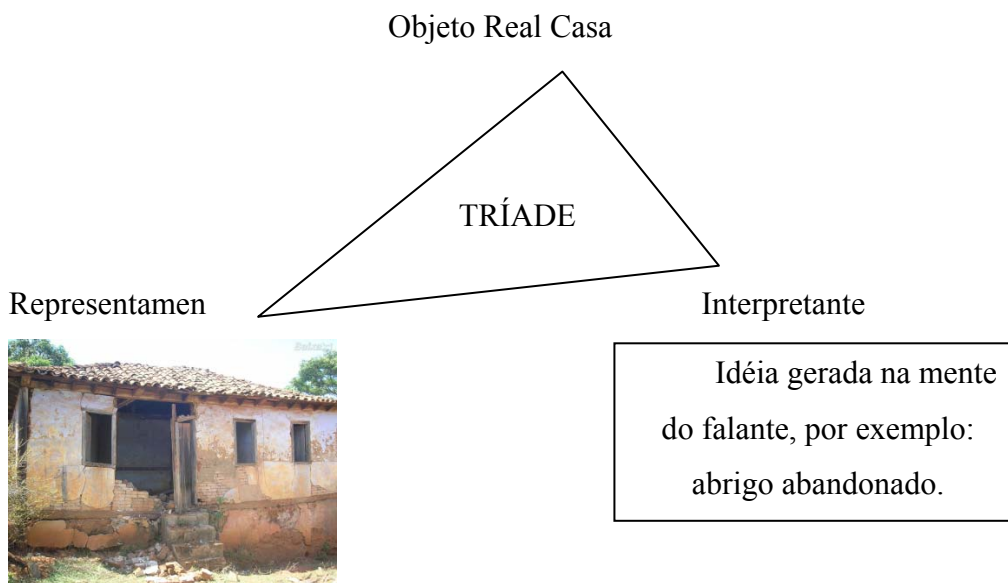


Figura 7 - figura baseada na tríade de signo de Charles Peirce

Santaella e Nöth apontam que Peirce em sua teoria semiótica, cujo signos formam a tríade acima representada, apresenta em suas classificações os diversos modos de aparição da imagem e da palavra. Sem entrarmos nos detalhamentos feitos pelos autores, detalhamentos estes que perpassam todos os níveis e subníveis das classificações Peircianas, nos deteremos na seguinte afirmação: palavras e imagens são signos. Como signos, palavra e imagem tem uma parte imagética, seja no signo em si, a parte representamen, seja na imagem no plano das idéias, a parte interpretante do signo. No exemplo da primeira tríade, a representamen CASA pode gerar várias imagens mentais de casa, e vários entendimentos dos falantes. Para restringir e/ou especificar o interpretante, outros signos no contexto do texto em si vão expandir e/ou limitar a idéia de CASA, como os adjetivos, por exemplo. Vários interpretantes podem ser gerados do representamen CASA, mas fica mais restrito se o representamen for CASA VELHA, no interpretante, serão descartadas todas as idéias que correspondem a uma casa nova.

Já na terceira tríade, onde o representamen é uma imagem, vários elementos da imagem constroem uma descrição inteira da casa, pelos elementos desse signo serem específicos e mais complexos. Em um texto multimodal, o texto que acompanha a imagem terá esse papel de delimitar as possíveis interpretações geradas somente com base no interpretante do signo em si. Por assim dizer, devemos levar em conta, que mesmo sem entrar na análise detalhada

de Santaella e Nöth (2001, capítulo 4), devemos levar em conta os atributos imagéticos da palavra e a verbalização da imagem.

“Com o crescimento e sofisticação da imprensa e da publicidade, a partir do início do século, novos campos de possibilidades, no tamanho e variação dos tipos gráficos e no uso substantivo do espaço, foram se abrindo rumo à exploração da natureza plástica, imagética, do código alfabético. Mais revolucionária seria a recente introdução desse código nos meios eletrônicos.”³²

Como vemos em Santaella e Nöth, a sofisticação proporcionada pela tecnologia, em especial nos meios eletrônicos, facilitou o acesso à representação do real, que podemos analisar sobre a ótica Peirciana, a todos, principalmente os que tem acesso aos computadores.

Vejamos o exemplo do conteúdo de um e-mail real³³ enviado por um chefe para sua equipe de cinco funcionários, sobre os pedidos de férias de alguns subordinados.

Senhores,

Como solicitado anteriormente. Segue a programação de meses de férias. Aguardo resposta sobre confirmação ou mudança dos meses solicitados.

Thomás sairá de férias nas duas primeiras semanas de Março.

Ana sairá de férias nas duas últimas semanas de Março.

Alessandro sairá de férias nas duas primeiras semanas de Abril.

Samuel sairá de férias nas duas últimas semanas de Abril.

Dados não verificados de forma independente do sistema de arquivos.

Todos os cinco funcionários receberam o mesmo e-mail e responderam estarem cientes e de acordo. Após ter recebido a resposta de todos os funcionários, o chefe que tem uma relação amigável respondeu a todos dizendo: “Como todos

³² Santaella e Nöth, 2001, pg 69.

³³ Nomes e dados foram trocados para preservar a identidade dos envolvidos.

estão de acordo, Daniel não sairá de férias esse ano e trabalhará de plantão todos os sábados.”

Ao receberem o segundo email, qual não foi a surpresa de todos os funcionários, especialmente Daniel. Todos então voltaram a verificar o primeiro email pensando não se recordarem da informação sobre Daniel. Para lerem a mensagem, tiveram que aumentar o zoom para ler em letras pequeninas a frase sobre Daniel. Observem:

Senhores,

Como solicitado anteriormente. Segue a programação de meses de férias.
Aguardo resposta sobre confirmação ou mudança dos meses solicitados.

Thomás sairá de férias nas duas primeiras semanas de Março.

Ana sairá de férias nas duas últimas semanas de Março.

Alessandro sairá de férias nas duas primeiras semanas de Abril.

Samuel sairá de férias nas duas últimas semanas de Abril.

**Daniel não sairá de férias esse ano e trabalhará
de plantão todos os sábados.**

A brincadeira do chefe chama a atenção para a questão visual da palavra.

“Muito antes de a linguística ter colocado em evidência (graças, aliás, às prodigiosas aventuras do poético) os regramentos significantes que comandam o engendramento dos signos linguísticos, a poesia trazia, desde suas origens, à flor da pele da linguagem, os labirínticos jogos de palavras, fragmentos de palavras, quase-palavras, fluxos e refluxos de vocábulos, forças de atração e repulsão do som, da letra e do sentido que constituem o campo magnético da poesia. (...) a imagem está hoje introjetada na palavra poética que a mera menção do tema – palavra e imagem – parece conduzir o pensamento inexoravelmente para a poesia.”³⁴

³⁴ Santaella e Nöth, 2001, pg. 70.

Com base em Santaella e Nöth, palavra e imagem são signos igualmente complexos. Palavra e imagem parecem ter mais semelhanças que diferenças que a poesia já descobriu e explora há tempos. A consideração de Palavra e Imagem como signos é altamente relevante nesse trabalho por explicitar que ambos são instrumentos de representação da realidade e, assim sucessivamente merecem ambos atenção no ensino de línguas e na comunicação.

3.2.Relação texto – imagem (a partir de Barthes em Santaella & Nöth)

Segundo Santaella e North, Barthes em 1964, em “Essais Critiques” se questionava:

“ Será que a imagem é simplesmente uma duplicata de certas informações que um texto contém, e portanto, um fenômeno de redundância, ou será que o texto acrescenta novas informações à imagem?”³⁵

Elaboramos a figura abaixo baseado no contínuo questionado por Barthes, que pode ser representado por dois extremos:

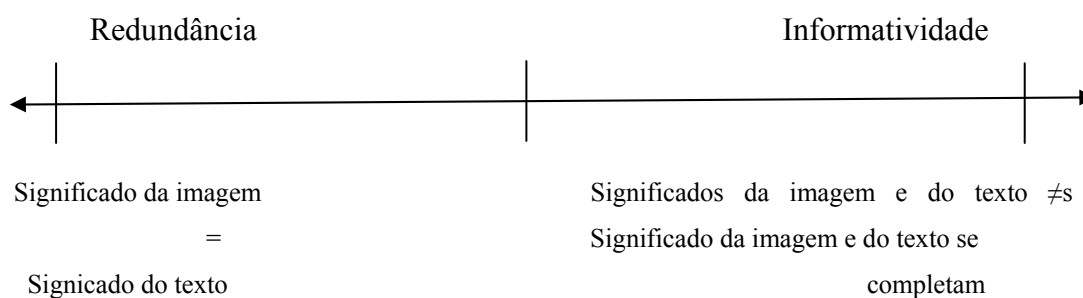


Figura 8 - figura baseada no contínuo questionado por Barthes

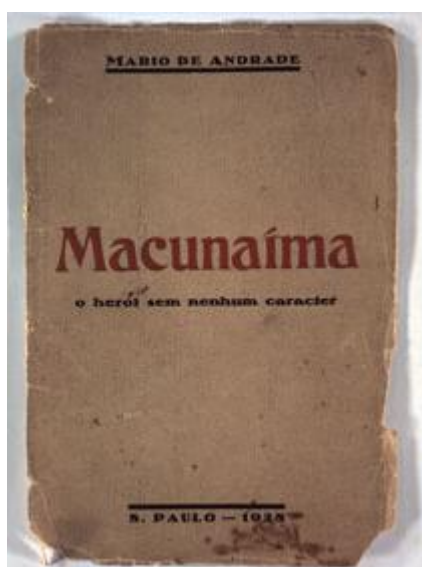
As formas de relação imagem-texto questionadas por Barthes podem ser representadas pela escala contínua retratada pelo linguísta Kalverkämper (Santaella & Nöth, 2001). Segundo Santaella & Nöth, Kalverkamper classifica a relação-imagem em três tipos: redundância, complementaridade, informatividade.

³⁵ Santaella & Nöth, 2001.

3.2.1.Redundância

A relação texto-imagem é redundante: quando a imagem é “inferior” (palavras de Sataella e Nöth) ao texto e apenas o complementa. O exemplo dado pelo autor são as ilustrações de um mesmo livro de edições diferentes, no qual em uma edição há ilustrações e na outra não. A ausência das ilustrações em uma das edições mostra sua pouca importância.

As imagens apresentadas no Capítulo 2, Multimodalidade, são bons exemplos de Redundância. Em impressões do mesmo livro de edições diferentes a imagem da edição mais recente, apesar de mais atrair aos olhos dos leitores, é descartável, uma vez que a primeira edição, cuja capa não possui imagem, não tem nenhuma “perda de informação” pela ausência da imagem, como podemos observar abaixo:





3.2.2.Complementaridade

A Imagem é igual ao texto (ou segundo Molitor³⁶, a relação é de **Complementaridade**): Imagem e texto tem a mesma importância. A relação entre os dois elementos encontra-se entre redundância e informatividade. A imagem da capa da Revista Time seria um exemplo de complementariedade. A chamada da capa (imagem): “Por que ser Papa significa nunca ter que pedir perdão” é enfatizada pela imagem de costas do Papa que está vestido imponentemente com roupas normalmente utilizadas em cerimônias solenes. Por que o Papa se encontra de costas? A posição do Papa de costas mostra a não predisposição de para se desculpar, ou até mesmo, no extremo sua superioridade, indicando indiferença em pedir perdão. A complementaridade existe porque a imagem enfatiza o significado das palavras, e as palavras explicitam a superioridade e indiferença “indicadas” pela imagem.

³⁶ Citação a Molitor et al. 1989, pg. 21 – 29 em Santaella & Nöth, 2001, pg. 54. Spillner nomeia Complementaridade de Determinação Recíproca.



Figura 9 - Capa da revista TIME (Fonte: www.time.com)

3.2.3. Informatividade

Há informatividade, ou seja a imagem é superior ao texto, quando a imagem, nas palavras de Santaella e Nöth, “domina” o texto, uma vez que ela é mais informativa que o texto, pois sem a imagem entender ter uma idéia do objeto em questão como no caso dos livros de biologia e enciclopédias.

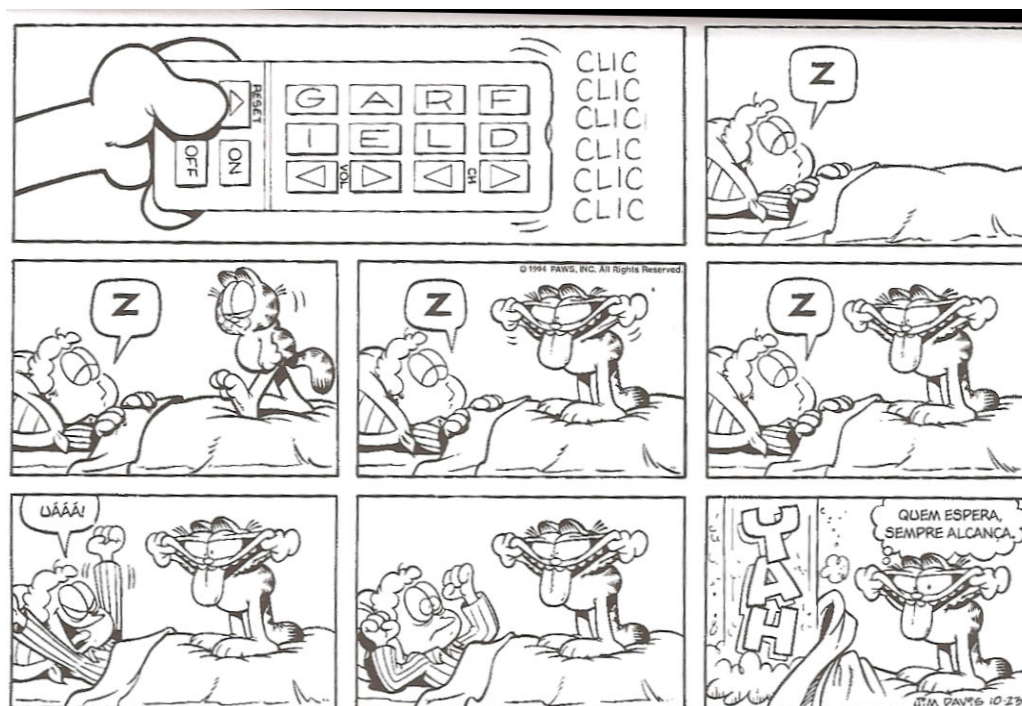


Figura 10 – figura retirada do Livro em Quadrinhos do Garfield

A imagem da tirinha de Garfield, acima, se torna “superior” ao texto da tirinha justamente porque o humor da tirinha só acontece por causa da imagem. O texto da tirinha sozinho - Quem espera sempre alcança - é apenas um dito popular, mas não traz ar de comicidade. O humor, objetivo final das tirinhas desse personagem, acontece por causa da imagem.

3.3. Referência Indexical entre texto – imagem (Barthes em Santaella & Nöth)

A partir do questionamento de Barthes apresentamos os três tipos de relação imagem-texto defendidos pelo linguísta Kalverkämper (Santaella & Nöth, 2001), que vão da redundância à informatividade. No entanto, Barthes aponta duas diferentes referências indexicais entre imagem e texto, que ele nomeia de: ancoragem; e relais.

3.3.1.Ancoragem

Na ancoragem, segundo Barthes³⁷, o texto guia o leitor através da imagem o levando a considerar e a desconsiderar certos elementos da imagem. O leitor chega a um entendimento da imagem a partir de um significado escolhido antecipadamente pelo texto.

A imagem na revista Time do Papa seria um exemplo desses casos no qual o texto dirige o leitor a ler a imagem de uma certa forma. O leitor de antemão com um significado preexistente. Se a manchete fosse “Papa deixa o cargo” (se é que isso é possível), a interpretação da imagem seria outra, o Papa estaria de costas por estar saindo do poder, deixando a igreja.

3.3.2.Relais

Nessa relação, o texto e a imagem se encontram em uma relação complementar, na qual um depende do outro, ambos são parte de um “sintagma maior”. O sentido da mensagem surge em um nível mais avançado, exatamente dessa relação entre texto e imagem. Na relação relais, o leitor é direcionado da imagem ao texto e do texto à imagem, continuamente.

Na tirinha do Garfield, só a imagem já é cômica, sem o texto, mas o humor com base no ditado “Quem espera sempre alcança” só acontece no encontro dos dois elementos texto e imagem, quando o leitor vai-e-vem e visita os dois elementos.

Essa correspondência de classificação observada da relação de imagem-texto na capa da revista Time sendo classificada simultaneamente como complementaridade e ancoragem, e ao mesmo tempo do texto tirinha do Garfield como informatividade e relais, não quer dizer que toda relação texto-imagem entre complementariedade e ancoragem, e informatividade e relais sejam recorrentes.

3.4.Relação texto – imagem (Bardin em Santaella & Nöth)

Um outro caso de relação imagem – texto pode acontecer. Ele não se encontra neste contínuo de redundância à informatividade.

³⁷ Autor não consta na bibliografia, pois foi mencionado na obra de Santaella & Nöth, 2001.

“A relação de discrepância ou até mesmo de contradição entre imagem e palavra não é redundante nem informativa (cf. Rokem 1986; Eberleh 1990: 74) (...) No entanto, no caso da disposição lado a lado do texto e da imagem, não se trata de uma mera adição de duas imagens informativas diferentes. Uma nova interpretação holística da mensagem total pode ser derivada dessa disposição (cf. Bardin 1975:111)”³⁸

3.5. A questão do significado na teoria de comunicação multimodal (Kress & Van Leeuwen)

Em “Multimodal Discourse” de 2001, Gunther Kress and Van Leeuwen a intenção inicial, segundo o próprio prefácio era de escrever um guia para a análise multimodal. No entanto, somente quando começaram a trabalhar a fundo a idéia de prática e deixaram a idéia de linguagem de multimídia de lado para adotar a idéia de comunicação e de se perguntar como as pessoas utilizam os recursos semióticos para “significar” em contextos sociais concretos, “começamos a ver alguma luz no fim do túnel” (palavras dos autores). Nesse caminho escolhido, tratar a questão do significado tornou-se crucial. Segundo os autores, para linguística tradicional, “o significado é criado uma vez só”³⁹. A mensagem se articula através da dupla articulação da linguagem, entre a articulação de forma e significado. Em textos multimodais, o significado se constrói em múltiplas articulações. A construção do significado nos textos multimodais acontece em quatro domínios da prática da linguagem, que Kress e Van Leeuwen chamam de estratos⁴⁰ para mostrar a relação com Linguística Funcional de Halliday⁴¹. Como já mencionado anteriormente, no capítulo 2, a visão de Halliday sobre texto aborda a imagem como parte do texto por ser abrangente e permite falar sobre a construção de significados através dos elementos textuais, que inclui a imagem. Kress & Van Leeuwen apresentam esses quatro estratos sem uma hierarquia a ser

³⁸ Santaella e Nöth, 2001. Essa mesma relação já era apontada e citada por Nöth em Handbook of Semiotics (1990, pg. 453), há dez anos atrás.

³⁹ “... meaning is made once, so to speak.” (kress & Van Leeweun, 2001, pg.4)

⁴⁰ “Divisão ou camada de uma estrutura ou conceito”, definição do Dicionário on line <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=estrato>.

⁴¹ Não entraremos em detalhe sobre essa referência feita pelos autores com a Teoria de Halliday.

seguida, são eles: discurso (discourse), design (design), produção (production) e distribuição (distribution).

3.5.1. Discurso

Os discursos são realizações de práticas sócias, são socialmente construídos, em contextos sociais específicos. Esses contextos podem ser amplos como a sociedade ocidental como um todo, ou menores e específicos como o ambiente familiar, podem também ser um contexto com uma estrutura definida como um programa de rádio, ou não como uma conversa entre amigos. Os discursos são versões do que realmente ocorre na realidade do contexto em pauta, de quem está envolvido, de o que os envolvidos fazem, e onde e quando ocorre, envolvem também uma série de interpretações, de julgamentos de avaliação, e de argumentos críticos. Um mesmo discurso pode se realizar de diferentes maneiras. Kress e Van Leeuwen exemplificam essa possibilidade de diferentes realizações: “o discurso conflito ético da guerra pode, por exemplo, se realizar como (parte de) uma conversa na mesa de jantar, um documentário televisivo, uma notícia de jornal, uma estória de suspense de aeroporto...”. Em cada realização, o discurso terá envolvidos diferentes, tendo o onde (local) e o quando (momento) diferentes, envolverão também, interpretações, julgamentos de avaliação, e argumentos críticos diferentes. Por levar em conta todos esses aspectos, pragmática e discurso estão intimamente relacionados. Pela possibilidade de diferentes realizações, o discurso, segundo Kress e Van Leeuwen, tem o significado construído através desses elementos variáveis e “são relativamente independentes de gênero, modo, (e um pouco menos) do design”⁴².

3.5.2. Design

Nenhuma palavra define melhor esse estrato do que as, já utilizadas, por Kress e Van Leeuwen.

“Design está no meio do caminho entre conteúdo e expressão. É lado conceitual da expressão e o lado da expressão do conceito. Designs são usos de recursos semióticos,

⁴² Kress e Van Leeuwen, 2001:5.

em todos os modos semióticos e na combinação de modos semióticos. Designs são meios de realizar discursos no contexto de uma dada situação de comunicação. Mas designs também adicionam algo novo: eles realizam situação de comunicação que transformam conhecimento construído em interação social.”⁴³

O design não trata da materialização do discurso, mas da idealização do mesmo. Um ótimo exemplo de Kress e Van Leeuwen é o do arquiteto. O arquiteto faz o design, levando em conta o discurso (quem, quando, onde, com quem), mas não participa da produção (constrói). Ele faz o design da casa, idealiza, mas não a constrói, isso cabe ao engenheiro. O design está relacionado ao modo, mas não a mídia.

3.5.3. Produção

A produção trata da organização e da materialização do discurso, está relacionada à semiótica da mídia (execução do modo). Uma história, por exemplo, pode ser produzida ou reproduzida de várias maneiras, pode ser: contada pela voz do locutor por uma emissora de rádio, impressa em uma revista, escrita em um diário, ou encenada por uma companhia de teatro, por exemplo. Às vezes, design e produção se confundem, modo e mídia são difíceis de separar. Uma história feita para uma revista e impressa em uma revista parecem ter modo e mídia, indistintos, iguais.

3.5.4. Distribuição

Acredita-se que a distribuição do discurso tende a não ser vista como semiótica e a não expressar nenhum significado adicional. No entanto, a distribuição do discurso compreende um nível de significado sim. Na produção de material didático em uma escola, por exemplo, professor e/ou o responsável pela impressão, devem ter como foco a qualidade da impressão. Isso porque a baixa qualidade de impressão pode comprometer a qualidade do material didático, e os

⁴³ “Design stands midway between content and expression. It is the conceptual side of expression, and the expression side of conception. Designs are (uses of) semiotic resources, in all semiotic modes and combinations of semiotic modes. Designs are means to realise discourses in the context of a given communication situation. But designs also add something new: they realise “the communication situation which changes socially constructed knowledge into social (inter-) action.”

modos e as mídias utilizadas podem não ser os mais adequados para aquela situação, devido à limitação que se dá pelos recursos à disposição.

Tomemos como exemplo a construção de um material de língua inglesa a ser utilizados por alunos no laboratório de informática, para entendermos a construção do significado nos quatro estratos acima mencionados. No primeiro momento, o discurso em si permeia o que envolve esse discurso: o contexto aula, dos envolvidos: alunos e professor, onde e quando ocorre: no laboratório de informática e no tempo de aula. Nesse momento, o professor sabe qual o seu “público-alvo” e qual a melhor abordagem para o contexto aula em laboratório de informática. No segundo momento, o design, ou seja, o momento em que escolho que modos semióticos irei utilizar para expressar o que foi definido pelo meu discurso: a escrita, a imagem, vídeos, ou pela combinação desses modos semióticos. No terceiro momento, a produção, uma vez definidos os modos, que mídias irei utilizar para através dos modos expressar o que defini no meu discurso? Esse é o momento de avaliar como materializar o que quero expressar e como, se usarei imagens, definirei se serão desenhos dos alunos, fotos, ou desenhos gráficos. Se utilizarei textos escritos, definirei qual fonte, letra e estilos utilizarei e se utilizarei textos animados (no caso do uso do computador, uma vez que a aula é no laboratório de informática). No uso de modos e mídias diferentes, as escolhas feitas agregam e destacam significados. No estrato produção, especificamente para o laboratório de informática, o professor deve ainda escolher qual recurso (programas, linguagens) utilizará para criação das aulas: programas específicos fornecidos por empresas de informática para o ensino, Power point, pdf, flash. No caso do laboratório de informática, a distribuição agrega significado justamente quando o professor regente ou o professor de informática para disponibilizar as atividades no computador avalia se o que foi anteriormente produzido irá “rodar” nos computadores à disposição no laboratório. Todos os computadores utilizados pelos alunos suportam as imagens utilizadas na produção? Se forem utilizados vídeos, todos os computadores tem placa de som? Caixa de som? Essas são as perguntas necessárias para que durante a distribuição, o que foi produzido na produção chegará com resultado final esperado pelo professor, e não se perca nenhum significado nesse estrato, pela distribuição.

É preciso também termos cuidado quando mais de uma pessoa está envolvida na produção desse material, pois é preciso estar claro o que, por exemplo o professor regente tinha em mente no discurso e no design, mas quem produziu e distribui foi um outro profissional, o professor de informática, por exemplo.